



Quantas vezes você precisa morrer para viver de verdade?

Caroline
DE PÁDUA



School of
NEUROPRODUCTIVITY

Quantas vezes você precisa morrer para viver de verdade?

Caroline
de Pádua

Eu já não sei quantas vezes eu morri em apenas uma vida, mas sei que em cada morte eu, de alguma maneira, estou mais próxima de viver verdadeiramente.

Por muito tempo, anos e anos, eu só queria morrer. Muitas vezes pedi para Deus me levar, pois eu não via nenhuma razão de estar viva. Havia uma dor muito grande dentro de mim, como se houvesse um buraco sem fim. Quando criança, não entendia muito, mas tenho algumas recordações de me sentir diferente das outras crianças, de me sentir excluída de algumas brincadeiras, de minha tia me dizendo que eu tinha um olhar muito triste. Porém, eu era uma criança obediente e exemplar na escola. Nasci

em uma família com recursos financeiros limitados e com alguns desafios, e quando já um pouco maior decidi ir trabalhar para ajudar minha família, pois queria uma vida melhor para nós. Naquele tempo, a frase “isso não faz sentido” ainda não fazia parte do meu vocabulário, mas eu sentia que algo não estava certo e que eu não aceitaria viver daquela maneira.

Já na adolescência, quando essa dor começou a latejar mais, eu não entendia o que era, mas eu sentia que não me encaixava em certos lugares. Um dos principais deles era na minha própria família, mas eu tentava me integrar de todas as formas, pois sempre escutei que nossa família é o principal, a base de tudo e, por isso, devemos fazer tudo por ela... Mas eu me sentia tão diferente e perdida ao mesmo tempo!

O tempo passou e eu fui seguindo, vivendo da forma que eu conseguia, frequentando os eventos de família, mudando de trabalho, conquistando meu

espaço no profissional, trabalhando em empresas grandes e dentro de um escritório; assim eu achava que era o certo, como havia escutado, pois em cidades pequenas as pessoas acreditam que trabalhar em alguma profissão dentro de um escritório, em uma empresa, é considerado sucesso profissional. Para continuar neste caminho “certo”, fiz faculdade. E nesse período comecei a namorar com meu primeiro namorado, em um relacionamento que durou muito tempo, porém com muitas traições, discussões e desentendimentos. Foi dentro desse relacionamento que eu tive a primeira morte e vários lutos. Talvez tivessem ocorrido outras vezes, mas eu não tenho memórias.

Eu já estava com meus 19 anos e trabalhando em uma empresa têxtil, onde tive a oportunidade de atuar em várias áreas da mesma corporação, aumentando meu conhecimento. Recebi uma proposta — trabalhar na área de comércio exterior — que chique isso! Eu nem sabia muito o que era,

mas aceitei. Fui aprendendo e me apaixonando por como cada país é diferente. Depois de um período, eu fui demitida. O sentimento, mais uma vez, era de morte e luto; havia me dedicado muito para estar onde eu estava e, por motivos de disputa de posição, fui convidada a sair. Sempre dedicada, em duas semanas eu já estava empregada novamente em um escritório de contabilidade.

Nesta fase conheci meu segundo namorado e 1º marido, Alexandre (sim, 1º marido, porque não excluimos ninguém e ele tem um papel muito importante na minha trajetória) e, depois de alguns desentendimentos, idas e vindas, fomos morar juntos. Pensei: agora sim, minha vida profissional está caminhando, vou me casar e vou ser feliz para sempre, só que não.

Depois de alguns meses, eu saí do escritório de contabilidade — sofria abuso verbal malicioso — e encontrei uma vaga em comércio exterior na

empresa Pena Branca. Eu amava meus colegas de trabalho, nos dávamos muito bem e nos tornamos amigos, e eu cada vez mais apaixonada pelos países. Já estava no meu estágio da faculdade e a Pena Branca foi vendida para a Seara. Recebi a proposta de continuar na empresa, mas precisaria me mudar para Santa Catarina; porém, eu tinha acabado de “me casar” — alugamos uma casa, mobiliamos a mesma e fomos morar juntos. Por isso, recusei e já apliquei para outras vagas, e em uma delas eu passei na entrevista — saí de exportação de frangos para exportação de gelatinas — novamente eu tinha excelentes colegas de trabalho, com os quais tenho amizade até hoje.

Por anos eu estudava inglês, mas não conseguia aprender. Me lembro que, em uma das escolas de línguas que eu frequentei, minha prima começou a estudar comigo e um dia ela me disse: “Como assim você não sabe isso? Estudamos na aula passada”.

A comparação é uma das piores dores. Atenua seus desafios e oculta suas virtudes.

Eu me dedicava, estudava, mas algo me bloqueava, o que resultou em não ter uma promoção no trabalho, pois eu precisaria falar inglês com os clientes. Meus gerentes me diziam: “Você é uma ótima funcionária, a sua margem de erro é superbaixa, porém o não falar inglês te limita”. Isso foi me deixando mais triste.

Estava chegando a hora para mais uma morte. O trabalho não estava fluindo como eu desejava, o relacionamento com o marido cada vez pior e eu já havia rompido com minha família — não conseguia gerenciar tudo e todos. Nessa época, eu morava com meu primeiro marido e o filho dele, e a filha dele morava com a mãe, que vinha nos fins de semana para ficar com o pai. Eu trabalhava fora de segunda a sexta em horário comercial, cuidava da casa — limpar, lavar, passar, cozinhar etc. — ajudava meu

parceiro na empresa dele, tinha minha vida social com os amigos, ia para a academia e estudava inglês e espanhol, com apenas 25 anos. Hoje, aos 38, consigo ver que estava carregando muito do que não era meu e esquecendo de mim.

Nas discussões com meu parceiro, quase sempre terminava com ele dizendo para eu pegar minhas coisas e sair da casa onde morávamos — sou muito grata a ele; naquele momento eu não entendia, mas hoje eu sei que eu precisava ir, e ao ir eu vivi coisas maravilhosas, incluindo me redescobrir. Nestes momentos, eu respondia: um dia eu vou e não volto mais. Ali eu já estava bem doente, a depressão havia tomado conta, não tinha mais vontade de nada, só queria morrer para amenizar a dor que eu sentia dentro do meu peito, que nenhum remédio tirava. Comecei a fazer terapias holísticas — sou grata a cada terapeuta que cuidou de mim — como cromoterapia, aromaterapia, acupuntura e, mais tarde, meu parceiro me levou para uma psiquiatra,

dizendo que eu não era normal e precisava de tratamento — obrigado por ter feito isso por mim, gratidão. Ela me passou uma medicação; eu, sempre relutante a remédios — ele não gostava de me acompanhar aos médicos, porque eu sempre questionava e não tomava os remédios, e ele ficava muito bravo e dizia: “Por que vai ao médico se não vai tomar o remédio?”. Hoje eu entendo o porquê: nem toda doença precisa ser tratada com remédios alopáticos — eles contêm muita química — e há doenças que são da alma, e naquela época minha alma estava gritando. Ao longo de minha vida, eu tive várias situações de saúde em que os médicos diagnosticaram, pois era o procedimento, mas não sabiam muito bem o que eram, como dores no corpo, hepatite por duas vezes, pressão caía do nada, dor muito forte na perna direita, muita inflamação na garganta, infecção no fígado, coceiras, alergias etc., e elas passaram. Mas tomei os antidepressivos da psiquiatra e comecei a tratar muito com uma psicóloga, Jana, um anjo enviado para me ajudar.

Depois de um tempo, eu decidi ir estudar inglês nos Estados Unidos.

Comecei o processo de au pair por uma agência; antes conversei com meu parceiro, e ele disse que eu deveria ir e seguir meu sonho, mas ninguém sabia qual era o real sonho. E sabe qual era? Eu queria apenas me sentir feliz, acordar feliz, ir dormir feliz, sentir paz e não sentir aquela dor no peito que parecia que uma faca estava entrando e cortando. Mas esse real motivo sempre ficou guardado dentro de mim, e agora já consigo falar.

Nossos sonhos são gritos da nossa alma para nos sentirmos vivos.

Nesse mesmo ano em que eu decidi ir estudar nos EUA, minha mãe enviou um presente com uma carta no Natal de reconciliação, pois eu estava rompida com minha família — gratidão, pai e mãe, pela minha vida e todo cuidado. Eu aceitei o pedido e fui passar a virada do ano com eles, pois em breve eu iria

embarcar para uma nova fase da minha vida. Foi muito bom, e eu contei a minha decisão para eles; todos me apoiaram. Meu irmão Diogo me ajudou com as fotos e vídeos para o perfil da agência. E tudo foi se encaixando perfeitamente, tudo dando certo. Consegui falar com as famílias por Skype, em inglês, não sei como, mas falei, até que tive um match com uma família.

Hora de ir atrás da parte burocrática e da documentação. Minha prima Tal me ajudou com isso, e quando fomos tirar o visto ela sugeriu que dormíssemos em um hostel em São Paulo, para eu ir me acostumando com a vida de uma viajante — naquela época eu nem sonhava que iria viajar o tanto que eu já viajei (39 países, e alguns deles eu repeti algumas vezes — sim, é uma conquista para mim, pois vim de uma cidade do interior, sem sonho e perspectiva de vida, e cada lugar visitado, uma nova descoberta).

Começava uma das fases mais difíceis da minha vida – a morte que eu já havia sentido alguns meses antes. Foram 3 meses morando com meu parceiro sem estarmos juntos, pois ele não acreditava que tudo daria certo para eu ir e, quando eu já estava com tudo pronto, começaram as discussões. Ali estava morrendo o sonho de se casar e ser feliz para sempre, uma crença criada pela sociedade na qual eu acreditei por vários anos.

Chegou o dia de embarcar, psicóloga e família dando todo o suporte, e o grupo de meninas que viajou comigo foram os anjos enviados. Eu nunca havia entrado em um avião, não saía uma palavra em inglês da minha boca e nem sabia para onde eu estava indo, mas fui. Estava mal, de luto, não lembro de nada do voo, apenas me recordo de quando peguei minha mala e ela estava quebrada, e a da Paula também, e ela disse: “Vamos reclamar”, e eu: como? E lá fomos nós; ela falou algumas palavras em inglês e eu em espanhol, hahaha, mas conseguimos o

reembolso. Depois, dentro de um micro-ônibus, elas comentavam de pontos, séries, estátuas, e eu, dentro da minha cabeça: “Que mundo é esse?”. Não sei nada disso; enquanto elas estudavam e assistiam séries, eu já estava vivendo uma vida adulta de senhora casada, hahaha.

Depois de 3 dias de treinamento, onde eu não entendia nada, e alguns passeios, eu fui para a casa da minha primeira host family, em um sítio no Texas. Natureza e calor, tinha tudo para dar certo, mas as expectativas não foram atingidas. Depois de 3 meses vivendo lá, com 5 crianças não muito educadas, comida apenas em latas, eu vivendo na base de chocolate e fruta, casa extremamente bagunçada, escorpião na sala e um dos meninos veio me morder, pedi para mudar de família, e a host mom, decepcionada, na porta, em uma sexta-feira à noite, me disse: “Se você quer trocar de família, vá, mas vá agora” — obrigado por ter aberto e fechado as portas de sua casa a mim — tudo acontece como

deve acontecer, e eu entendo isso hoje. Subi para meu quarto e me tranquei; foi uma noite nada agradável, e eu só saí do quarto quando a orientadora da agência chegou. Fui para a casa dela para começar a procura por outra família. Foram dias agoniantes e de medo, mas eu falava: não volto mais de onde eu saí, e eu tive muito apoio e fechei com uma família em WI — o oposto do Texas, cidade e muito frio, mas uma família muito boa — 4 crianças e muito amor.

Fiquei lá 2 anos, onde vivi momentos maravilhosos; me sentia feliz — sim, pela primeira vez eu me sentia feliz de verdade, livre, corajosa; fiz amigos para a vida, estudei, aprendi, me redescobri e viajei muito. Por mim, eu ficaria por lá o resto da minha vida, pois eu nunca havia me sentido tão feliz quanto eu me sentia lá. Sou muito grata por tudo o que eu vivi nesses 2 anos e por todas as pessoas que passaram em minha vida — ah, quantas memórias vividas.

Mas foi necessária mais uma morte — hoje eu entendo o porquê da necessidade; eu tinha que lidar com todos aqueles sentimentos, emoções e crenças que ainda estavam em mim, mesmo eu não percebendo. Eu havia feito 1 ano de mestrado em Negócios Internacionais; sim, aquela que não conseguia falar inglês estava fazendo mestrado nos EUA. Porém, o visto de au pair ia vencer e eu pedi para mudar para visto de estudante; assim eu poderia terminar o mestrado e continuar vivendo lá, mas ele foi negado. Eu tinha 1 mês para sair do país e eu saí em 5. Assim que recebi a resposta, automaticamente comecei a sentir a depressão chegando.

Alguns meses antes, meu tio Reinaldo havia me ligado e me convidado a ir para Londres com ele; ele morou a vida toda lá. Eu sabia que eu podia também, mas eu estava tão feliz onde eu estava que eu não queria mexer em nada. Me lembro como hoje: agosto de 2016, eram Olimpíadas no Rio de Janeiro,

o valor da passagem estava superalto e eu encontrei uma que fazia conexão no Panamá, de 23h. Meus amigos: “Não, não vai, fica mais um pouco”. Marco, um dos anjos que a vida me deu, chegou a ir ao advogado de imigração para ver as alternativas, mas não tinha muitas. Então eu comprei a passagem e pensei: sempre ouvi falar do Canal do Panamá, agora eu vou lá ver como é. Marco, com seu carinho por mim, me presenteou com uma reserva de hotel bem chique para que eu me sentisse melhor — gratidão, Marco.

Lá estava eu de novo, malas nas costas, indo para uma nova fase, vivendo mais uma morte e um luto de algo que não era um sonho, mas que se tornou. Não avisei ninguém no Brasil. Curti as 23h no Panamá intensamente; depois fui para São Paulo e lá estava o Seu Jesus — pai da minha amiga Raquel, outro anjo — me esperando. A família da Ra cuidou de mim por alguns dias, e Seu Jesus me levou ao consulado para tentar mais uma vez o visto e aí eu

retornar para os EUA; plano feito, porém não obteve sucesso, visto negado. Era tanta tristeza que não cabia em mim. Conversei com minha prima Tal e pedi se ela podia ir me buscar em São Paulo. Ela e meu irmão Douglas foram. Quando eles chegaram, eu me sentia derrotada; eles, contentes em me ver depois de 2 anos e 3 meses, e eu disse a eles: “Não falem comigo” — hoje eu peço que me perdoem por agir dessa forma, mas eu não conseguia administrar meus sentimentos de derrota e me sentia envergonhada em ter tido que voltar.

Eu já tinha o plano B: se o visto dos EUA for negado, vou para Londres com meu tio. E meu irmão Douglas disse: eu vou contigo agora. Foram 3 meses em luto e depressão; eu não queria ver e falar com ninguém. Meus amigos e familiares queriam me ver e conversar. Meu 1º marido, Alexandre, feliz, me propôs para rearmos, e eu disse: não. E, assim que os documentos ficaram prontos, colocamos as malas

nas costas e embarcamos para a Itália para tirar nossa cidadania italiana.

Começava o sonho europeu agora. Foram 4 meses desafiadores e com muito aprendizado — estávamos em uma cidadezinha de 3 ruas no norte da Itália; conseguíamos ver os Alpes Suíços da janela de casa; era inverno, frio, e não falávamos uma palavra em italiano. Conhecemos lugares — conseguimos ir de ônibus ou a pé — e pessoas. Quando tudo parecia estar se encaminhando, veio a mensagem do comuna de que faltavam 2 documentos — a certidão de batismo do meu tataravô e outro que precisava vir do Brasil. Achei alguém do Brasil que estava vindo para aquela região da Itália, Liliane, mais um anjo, e a certidão fomos buscar com a assessora que havíamos contratado.

Eis que tivemos um presente. Meu tio, que mora em Londres, foi a primeira pessoa que havia feito a cidadania italiana da nossa família e ele sabia onde

moravam nossos ancestrais. Quando eu disse para ele que estava indo para lá, para a cidade, ele me passou o endereço e, quando estávamos perto, eu falei para a assessora. Logo avistamos um senhor em uma ponte. Ela disse: “Vamos perguntar a esse senhor?”. E eu e meu irmão respondemos: “Sim”. Como ela fala italiano, ela perguntou: “O senhor sabe onde mora a família Panigassi?”. E ele: “Porquê?”. E ela: “Porque eles são da família Panigassi e vieram buscar um documento na igreja”. E ele: “Eu sou da família Panigassi”. Uma emoção tomou conta de nós; ele é muito parecido com meu tio Claudio. Ele nos convidou para ir à casa deles. Fomos muito bem recebidos; a assessora fazia a tradução, e a irmã dele nos mostrou as fotos que meu tio havia enviado para ela quando ele fez a cidadania, em 1990. O Universo nos surpreende a todo instante.

Pegamos o documento da igreja, voltamos para onde estávamos morando e demos continuidade ao processo. A assessora nos abandonou no meio do

processo, mas continuamos firmes no nosso propósito. Foram dias sem ter muito o que fazer, apenas esperar. Meu irmão Douglas e seu namorado, Jonas, dormiam o dia todo. Eu dediquei meu tempo a viver, através das fotos, minhas viagens e experiências vividas nos EUA. Pesquisei sobre a Europa e a Ásia, lugares para viajar e tal, porém não pesquisei sobre Londres — como meu tio mora lá, está tudo certo.

Saiu nossa cidadania em fevereiro de 2017; nevava muito nesse dia, mas pegamos nossos guarda-chuvas e fomos embora com muita gratidão e esperança de que, dali para frente, iríamos viver muito e felizes. Só precisávamos de mais alguns dias para pegar o passaporte e embarcaríamos para Londres, e começaríamos a trabalhar, conquistar recursos e as coisas que sonhávamos. Passaporte nas mãos, pegamos nossas malas e embarcamos para Londres. Era uma quinta-feira, por volta das 5 da tarde, quando o trem chegou na estação de

Liverpool Street. Eu entrei em choque; nunca havia visto tanta gente correndo de um lado para o outro. Lembra que eu não havia pesquisado como era Londres? Encontramos nosso tio e fomos para a casa onde moramos, um bairro no norte de Londres, a uma hora de metrô do centro da cidade. Pegamos o metrô para ir à casa onde moramos e eu estava observando aquele lugar novo, tudo diferente; eu ainda não sabia o que era, mas hoje já posso dizer que, energeticamente, Londres é densa. A casa não era o que eu esperava, mas fui me adaptando. Cheguei na quinta e, no sábado, eu já estava trabalhando; tudo muito rápido, mas eu precisava devolver o dinheiro para meu tio, que nos ajudou, e pagar minhas contas dali para frente: aluguel, comida, transporte etc.

Na segunda semana eu senti a tristeza me invadindo novamente. Londres ou Inglaterra é muito diferente dos EUA, e morar com minha família estava sendo um desafio, depois de quase 7 anos morando longe e

em casas diferentes. O primeiro trabalho era um pouco explorador. Decidi mudar; fui à procura de um trabalho de garçomete em um dos bairros mais ricos de Londres — Chelsea — usei a lógica: garçomete ganha gorjeta, e onde tem pessoas com mais poder aquisitivo, ganha-se mais. Achei uma vaga na internet, apliquei e, no dia seguinte, fiz a entrevista. O dono do restaurante me ofereceu uma vaga administrativa, já que a gerente estava saindo. Eu não tinha um cargo, pois ele estava implementando o método Scrum — um framework para gerenciamento de projetos — no restaurante. E, é claro, eu aceitei. Foram 5 anos de muito aprendizado, conexões e momentos vividos. Gratidão, Riccardo e colegas de trabalho.

A vida em Londres era diferente de tudo o que eu já havia vivido. O clima frio e cinza mexe com nosso humor, e a correria de todos me incomoda — sempre pergunto: eles estão correndo para onde? Hahaha.

Eu sempre tive dois empregos em Londres: o restaurante e o que aparecia — limpeza de Airbnb, de escritório, de estádio etc. Assim eu conseguia manter minhas viagens. Nos meus dias de folga eu saía para explorar a cidade, pois era tudo novo para mim e eu queria voltar a me sentir feliz. Comecei a fazer amigos; foram muitos, mas as primeiras foram a Sheila e a Maria, mais anjos em minha vida. Depois de 1 ano morando em Londres, minha avó paterna teve um infarto; meu irmão Douglas ia ao Brasil e resolvi ir também. Foi uma viagem rápida, mas decidi ter uma consulta com a psicóloga Jana, que tratava de mim antes, e voltamos aos tratamentos; eu já estava depressiva novamente. Voltei e logo fui ao centro espírita e comecei a fazer novas amizades e conhecer outros tipos de terapias alternativas. Meu foco era voltar a ser feliz, igual eu era nos EUA. E, entre uma terapia e outra, eu descobri que eu tenho um irmão gêmeo; porém, em poucos dias de vida, ainda dentro da barriga de nossa mãe, ele voltou para o plano espiritual — minha mãe não tinha

conhecimento disso, mas quando a perguntei, ela se lembrou de um sangramento no começo de minha gestação.

Eu digo que Londres foi onde eu morri e renasci. Viver com minha família – logo minha irmã também veio, e depois minha sobrinha – na mesma casa me trazia diariamente conflitos internos e com eles. Meu tio sempre me confrontava com perguntas que não haviam necessidade – “Você acha que vai conseguir arrumar um marido e se casar?”, “O que você está fazendo com seu dinheiro, só gasta em viagens?”. E por aí iam. O trabalho não era dos melhores, muitos problemas do negócio e das pessoas que trabalhavam lá, porém, para a maioria dos imigrantes, era um emprego dos sonhos, porque eu trabalhava no escritório de segunda a sexta, no horário comercial. Vida afetiva não existia, e o meu escape era sair conhecendo essa nova cidade, estar com meus amigos e viajar.

Porém, eu estava prestes a morrer de novo, um pouco mais consciente agora, depois de inúmeras sessões de terapias diversas e estudo da filosofia espírita — gratidão a todos os terapeutas e amigos de estudos. E, com a pandemia, ela veio; morreu uma parte de mim que queria se encaixar onde não se encaixava, o sentimento de querer pertencer, ser vista, ser amada e as crenças sobre família. Mas, dessa vez, eu resolvi fazer diferente. Enquanto a maioria se lamentava e sofria, eu decidi mudar minha carreira profissional para algo que eu tinha como habilidade natural — organização, a princípio, de ambientes. Fiz a segunda mentoria; a primeira eu havia feito antes da pandemia, e comecei o business do zero. Com a ajuda de meu irmão Diogo e meu cunhado Mario, saiu o nome e o primeiro slogan — Carol Gets it Right — she organizes your home, business and dreams. Criei meu site sozinha e organizei o business todo; fiquei tão orgulhosa de mim e feliz. E, assim que passou a pandemia, comecei a divulgar e trabalhar.

Como eu estava fazendo uma disrupção de tudo, saí da casa onde eu morava com meus irmãos e mudei de cidade; fui para o interior da Inglaterra, onde um casal de amigos, Márcia e David, outros anjos, me acolheram e me ajudaram. Dali para frente, começando tudo de novo — novo trabalho, nova cidade, nova casa, novas amizades. Porém, ainda existia um vazio que latejava dentro de mim.

Havia algo que eu não sabia expor em palavras; ao mesmo tempo em que existia essa dor doída, havia um amor, um amor que deseja que todas as vidas — humanas e não humanas — sejam felizes e se sintam bem e em paz.

Então comecei a procurar por ajuda e, depois de um tempo seguindo os conteúdos do Édél Pontes — outro anjo, que eu conheci através do Anderson Dias, 196 Sonhos — gratidão, eu decidi e consegui entrar em sua mentoria. Pensei: agora não terá outra opção a não ser trabalhar com meu propósito,

ter liberdade geográfica e financeira e ser feliz; esse era, e ainda é, o plano.

O Édel me ensinou muito sobre observar os acontecimentos e comportamentos. Eu expandi, cresci, evoluí, conquistei algumas coisas; o business passou por transformações e também vieram mais algumas mortes e lutos, porém mais consciente. Como ele nos ensina: “Não é o tanto de vezes que você cai, mas sim o quão rápido você se levanta”. E, depois de alguns anos sendo mentorada pelo Édel e fazendo outras terapias, existia algo que não fazia sentido; eu não conseguia me sentir feliz de verdade e não chegava ao resultado financeiro. Eis que ele me apresenta a Carina Sechler, mais um anjo, e foi onde, literalmente, descobri que eu teria que matar a Carol que tinha chegado até aqui para que a nova renascesse de verdade. Confesso que entrei em conflito ao saber que nada é real, que tudo o que eu acreditava era uma ilusão e que eu havia me esquecido de quem eu era de verdade.

Nesse processo, que neste momento ainda acontece junto de Édel e Carina, têm ocorrido várias mortes e lutos da Carol que eu achava que eu era, para assim eu chegar na Carol de verdade.

Essa jornada chamada vida nos convida a matar o que literalmente nos mata e viver o deslumbrante depois da morte.

Mortes e lutos são processos dolorosos, porém libertadores, falando nesse contexto de autodescobrimento. Seguimos muitos padrões que nem percebemos, mas que não fazem parte de quem realmente somos. Desenvolvemos um ser, ao longo dos anos, que é um conjunto de coisas misturadas — sociedade, família, amigos, educação, experiências vividas, trabalhos etc. — e acreditamos que somos esse ser, porém não somos. Nos esquecemos de quem realmente somos e, para nos lembrarmos, precisamos matar essa velha versão que criamos.

Eu não sei você, mas eu morri muitas vezes e talvez eu morra mais até chegar aonde eu sonho; porém, em cada morte nasce uma nova Carol, mais consciente, e essa consciência é o combustível para eu continuar evoluindo e aprendendo enquanto viva aqui no planeta Terra. Uma certeza eu tenho: quando o meu corpo físico morrer, eu, como espírito e consciência, estarei livre para literalmente viver. E você, já está pronto para viver de verdade?



School of
NEUROPRODUCTIVITY

Official Store: [LINK](#)